

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: SILVANA BARATA

A travessia da refugiada angolana para o Brasil

Silvana Barata e sua família fugiram da guerra civil em Angola para recomeçar a vida muito longe de casa

Repórteres: Eliza Macedo e Yasmin Pelegrino

Silvana Barata, atualmente com 70 anos, construiu uma história marcada pela coragem ao deixar seu país, Angola, quando a Guerra Civil contra Portugal tornou-se violenta, ameaçando sua vida e a de sua família. Em busca de segurança e de um recomeço possível, após anos convivendo com violência, instabilidade e medo, ela chegou ao Brasil em 1978. A decisão de partir não foi fácil. Silvana deixou para trás sua casa, memórias e parte de sua história para garantir que os filhos tivessem futuro. No Brasil, enfrentou barreiras culturais, emocionais e econômicas, mas encontrou também acolhimento e novas oportunidades. Hoje, relembra a travessia com a certeza de que reconstruir a vida do zero exigiu força, fé e uma determinação que nem ela sabia que tinha.



MURAL ENTREVISTA – A senhora poderia contar como era viver em Angola antes do conflito?

SILVANA BARATA – Viver lá em Angola, antes do conflito para mim foi ótimo, porque era a minha terra, a gente tinha regalias, tinha fazendas. A minha infância foi excelente, só vim mesmo assim por causa da guerra. Porque foi uma guerra muito feia, derramaram bombas para tudo que era lugar.

Quantos anos a senhora tinha nessa época e quando começaram a perceber que uma guerra ia começar no seu país?

Aos 20 anos, mas já havia a guerra e já tinha portugueses lá, só que ainda era algo superficial. Angola era uma colônia de Portugal, mas pelo fato de ainda ser colônia portuguesa era praticamente uma ditadura, o preconceito dominava. E os negros perceberam que

eles não tinham direitos e se revoltaram, por conta de tudo que viveram durante a guerra. Era uma injustiça o que estava acontecendo lá.

A senhora pode contar como foi vivenciar histórias de preconceitos com pessoas conhecidas?

Teve um colega meu que entrou dentro da loja de comércio, de meus padrinhos que vendia tecidos, bebidas, essas coisas, e ele tomou umas bebidas só que ficou um pouquinho bêbado e lá havia muitos sacos de café e ele se deitou lá, e adormeceu, passou a noite e ninguém viu ele, trancaram-o lá dentro. No dia seguinte, quando meu padrinho foi abrir a loja, ele

estava lá mas como ele era negro, meu padrinho não quis saber o que aconteceu e invocou que ele tinha ficado lá para roubar os sacos de café e ele foi preso. Tiraram seu diploma, ele era professor. Teve outro caso também, uma menina branca era de família rica e um menino negro se apaixonou por ela. Tinha o filho do juiz que gostava dessa mesma menina, só que ela gostava do menino negro, e um dia ele sumiu. Ligamos para a família dele e disseram que não havia voltado pra casa. Passaram-se três meses e seu corpo apareceu boiando em um rio. Depois disso a família do juiz ameaçou toda a família do menino negro se fizessem algo.

Por que a senhora e a sua família tomaram a decisão de sair do país e escolheram o Brasil?

Tomamos a decisão porque realmente estavam matando todo mundo. E meu marido na época trabalhava em uma empresa e mataram dois colegas de trabalho dele, então estava ficando muito perigoso, era um risco mesmo de morrer. Portugal nos ofereceu aviões e decidimos sair. Passamos por apertos pois tínhamos uma filha pequena e tive que encher a minha mala de comida só de bebê. Não tinha nem roupas. O governo português nos deu opções de países para irmos, eu escolhi o Brasil por conta da língua, porque já é difícil você ir para outro país imagina sem saber falar a língua.

E como foram os primeiros anos aqui e quais foram as impressões ao chegar?

No Brasil ficamos as primeiras duas semanas em São Paulo. Depois viemos para Ribeirão Preto, fiquei deslumbrada principalmente porque tem certas coisas que não podíamos fazer que aqui podia, por exemplo lá a mulher não tem a liberdade que tem aqui de ir para bar, tomar cerveja. A educação era muito diferente. Mas sofre muito aqui também, meu marido arrumou um emprego, mas tive que ficar aqui em Ribeirão esperando ele quase um ano por conta da documentação, era muito difícil porque aqui se ganha muito pouco.

Em algum momento a senhora pensou em voltar para o seu país?

Teve, quando a gente morava em Vargem Grande do Sul e por falta de uma documentação, o meu marido foi demitido, mandaram ele embora e não pagaram nada. Aí a gente ficou sem esperança, quase desistimos e voltamos. Mas dava mais trabalho para a gente voltar. Angola ainda estava em guerra, então era

mais fácil batalhar aqui e continuar no Brasil.

A senhora se sentiu em casa aqui no Brasil? O que fez esse país parecer um novo lar?

Teve uma época que não. Agora eu me sinto muito bem aqui porque aprendi a conviver e aceitar as diferenças, porque brasileiro é muito diferente. Mas gosto daqui, principalmente de Ribeirão Preto, já rodei muito pelo Brasil, nos mudamos muito porque era a maneira de ter o que comer, indo atrás de trabalho, mas aí fomos cansando e nossas filhas estavam crescendo e precisavam criar raízes em algum lugar.

Hoje, o que a senhora considera a sua maior conquista desde que chegou ao Brasil?

Foi conseguir formar as meninas, porque um diploma é uma coisa que a gente pode dar para o filho e ninguém tira, a educação é tudo, é a base de tudo, isso abre a mente de muita gente, aprende a distinguir e ver as coisas, e não aceitar tudo. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)